

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - UFG
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE GOIÂNIA – SME
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS – IFG
FORMAÇÃO DOS EDUCADORES FORMADORES DO PROEJA-FIC/PRONATEC¹

EIXO TEMÁTICO

Maria Emilia de Castro Rodrigues²

Cláudia Borges Costa³

“Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória não existimos, sem reponsabilidade talvez não mereçamos existir”⁴ José Saramago.

Discussão metodológica: eixo temático

Conforme a Proposta Político-Pedagógica da EAJA (2010-2013) existe uma relação estreita entre eixos, princípios, objetivos, organização curricular, metodologia e avaliação. Na perspectiva de caminhar a partir da concepção dialética, as ações pedagógicas a serem implementadas e desenvolvidas na escola devem tomar a avaliação diagnóstica como ponto de partida e buscar a metodologia que veja o trabalho coletivo e interdisciplinar como meio de compreender a realidade do educando das classes trabalhadoras e, assim, selecionar os conteúdos necessários para construção da formação dos trabalhadores estudantes.

A Proposta (2010-2013) registra a autonomia da escola em definir sua metodologia, desde que fundamentem na LDBEN (1996), Constituição Federal (1988). O que significa abordar a gestão democrática, a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento e o saber; a igualdade de condições de acesso, o pluralismo de ideias e os princípios para uma educação de qualidade.

O diálogo, também é significativo na abordagem proposta. É preciso perceber o diálogo enquanto práxis e fazer pedagógico. Isso pressupõe algumas condições fundamentais: um profundo amor pelo homem e pelo mundo, a existência de um campo para o exercício da liberdade, a humildade para aceitar o outro, a disposição para escuta do outro, a condição de ser livre em relação aos guetos, se reconhecer como um ser incompleto e em construção. O diálogo, na relação de ensino-aprendizagem, começa na inquietação pela busca do conteúdo programático, advinda da realidade social problematizadora, cuja relação educador-educando deve-se pautar. Freire (2008, p.22) afirma que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

¹ Texto elaborado para discussão nas escolas que fazem parte do Projeto Proeja-FIC/Pronatec – 16/04/2013

² Professora Doutora da Faculdade de Educação da UFG.

³ Professora da Rede Municipal de Educação de Goiânia-GO e Doutoranda da Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UNB

⁴ José Saramago, poeta e romancista português. A epígrafe faz parte do Caderno de Lanzarote – Diário II (1997).

Para Freire (1987, p.78), o diálogo não é palavra oca nem verbalismo, “é o encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando na relação eu-tu.” É por meio do diálogo franco, da palavra verdadeira, enquanto uma exigência existencial, que os homens ganham significação enquanto homens e, ao mesmo tempo, pronunciam o mundo e o transformam. Conforme Freire (apud BEISIEGEL, 2010, p. 116)

(...)

Não devemos chamar o povo a escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além de um saber de pura experiência, que leve em conta as suas necessidades e o tornem instrumento de luta, transformando-se em sujeito de sua própria história.

(...)

A participação popular na criação da cultura e da educação rompe com a tradição de que só a elite é competente e sabe quais são as necessidades e interesses de toda sociedade. A escola deve ser também um centro irradiador da cultura popular à disposição da comunidade, não para consumi-la, mas para recriá-la. A escola é também um espaço de organização política das classes populares. A escola como um espaço de ensino-aprendizagem será então um centro de debates de ideias, soluções, reflexões, onde a organização popular vai sistematizando sua própria experiência. O filho do trabalhador deve encontrar nessa escola os meios de autoemancipação intelectual independentemente dos valores das classes dominantes. A escola não é só um espaço físico. É um clima de trabalho, uma postura, um modo de ser.

Nesse sentido compreendemos que tomar a realidade social como ponto de partida na construção do conhecimento/conteúdos a serem trabalhados com os estudantes trabalhadores perpassa, também, por análises e reflexões críticas e deverá ser buscada, enquanto princípio para qualquer escolha metodológica que a escola venha fazer.

A proposta destes escritos tem o objetivo de abordar o **EIXO TEMÁTICO**, enquanto uma das metodologias possíveis de serem utilizadas nas escolas, pois a proposta político-pedagógica explícita sobre tema gerador e projetos de ensino-aprendizagem e apenas menciona o eixo temático. Ele é uma diretriz ou guia de trabalho, expresso por um tema advindo da realidade concreta dos educandos, que orienta o processo ensino-aprendizagem numa perspectiva interdisciplinar⁵. A interdisciplinaridade propõe romper com a prática estanque das disciplinas; pressupõe um diálogo constante entre os(as) educadores(as) de cada área, tornando-se um desafio à cultura dominante, que se pauta no individualismo, no tecnicismo e na especialização no campo da educação. Desta forma, a interdisciplinaridade propõe uma formação integral contrapondo-se à atual tendência fragmentada do mundo capitalista.

Nessa perspectiva da formação dos trabalhadores estudantes, que são, assim, reconhecidos por estarem submersos no processo de produção, pois realizam atividades próprias dessa condição de sustentar a base material da existência humana. Para os trabalhadores alcançarem os conhecimentos imperativos para a realização dessas atividades, conforme Ramos (2005, p. 108):

Se a educação básica é o processo pelo qual as pessoas têm acesso aos conhecimentos e à cultura da sociedade em que vivem, por meio de uma formação específica, que em nosso

⁵ Para Barbosa (2006, p. 47), “é preciso que se entenda o conhecimento interdisciplinar não como criação, invenção da consciência, mas como descoberta através da práxis social, do movimento contraditório da realidade histórica.”

sistema educacional se nomeou como ‘educação ou formação profissional’, as pessoas se apropriam de conhecimentos relacionados mais imediatamente com o mundo da produção. Por isto, o direito à educação em todos os níveis e modalidades é uma das condições fundamentais para a satisfação das necessidades materiais e espirituais do ser humano.

Assim, defender a formação integral significa reafirmar a identidade da classe social dos trabalhadores que são detentores do direito dos conhecimentos gerais mais os específicos que devem ser construídos cotidianamente no processo da formação. Ramos (2005) argumenta que além da demarcação curricular as ações dos processos de ensino aprendizagem, também precisam ser marcados. Em sua opinião os processos de aprendizagem e os nexos com o trabalho que os trabalhadores estudantes terão que enfrentar está incluso no contexto histórico. Dessa forma, reconhecê-los como “referência curricular significa buscar compreender a totalidade a partir de uma de suas dimensões, mas não permanecer nos seus limites.” (2005, p.124)

Portanto é imprescindível demarcar a discussão do currículo integrado, pois está é a concepção que deverá permear e ressignificar o caminho da metodologia denominada eixo temático. Ele é a ideia principal, composta pelo tema/assunto, advindo do diagnóstico da realidade sócio-política, econômica, histórico-cultural dos educandos, que norteará os subtemas dele decorrentes a serem trabalhados, bem como a definição dos conteúdos significativos a serem desenvolvidos no processo ensino-aprendizagem, articulados organicamente.

Conforme o documento da Educação Integral/CUT, a opção de trabalhar com os eixos temáticos apresenta a preocupação de compreendê-los articulados, mas ao mesmo tempo independentes sem a obrigação de linearidade ou progressão. Conforme o documento:

O elemento unificador [entre os eixos] é a compreensão da realidade político-econômica da sociedade contemporânea na qual os(as) trabalhadores(as) estão inseridos, com ênfase nos processos de acumulação do capital, exploração do trabalho, exclusão social, expressões culturais e formas de organização e resistência dos(as) trabalhadores(as). (CUT, 2004/2007)

A partir do eixo temático (tema da realidade concreta), compõe-se uma rede de subtemas e conteúdos abrangidos pelo assunto principal, não dando espaço para a divagação para temas alheios, e compondo uma totalidade orgânica do trabalho a ser desenvolvido.

O trabalho com eixos temáticos difere dos temas geradores, por serem temas advindos da realidade dos educandos que não se configurem **necessariamente problemas** da realidade concreta, ou seja, são temas de interesse e necessidade dos educandos, levantados com eles, na escuta diagnóstica da realidade social, que estejam coerentes com os eixos norteadores – IDENTIDADE, CIDADANIA, TRABALHO E CULTURA – da proposta político-pedagógica.

No início do ano letivo de 2013 nos propomos realizar inicialmente o diagnóstico, que entre outros aspectos nos possibilitasse levantar temas de interesse/necessidade, pautados na realidade concreta dos educandos, considerando a proposta da EAJA, propusemos no Proeja-FIC/Pronatec partirmos do eixo: sujeito, conhecimento e trabalho, que nos propiciariam elementos para definir os demais eixos temáticos/temas geradores/projetos, de acordo com a opção metodológica das escolas.

O trabalho com **eixo temático** permite o romper com conteúdos já estabelecidos, possibilita também criar condições para superação da passividade diante dos conhecimentos historicamente acumulados. A organização e seleção dos conteúdos a partir do eixo temático desconstrói o saber definido, pronto acabado e permite ao educando e educador a atitude de reflexão, pesquisa e curiosidade epistemológica, proposta por Freire (2008). Essa organização não exclui os conteúdos sistematizados ao longo da história, mas propõe uma reorganização a partir dos temas recorrentes apresentados pelos educandos no diagnóstico realizado.

Nessa tessitura coletiva propomos refletir sobre nossa escolha metodológica e a importância do compromisso político dos educadores, nas palavras de Freire (2008, p. 98) “Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política”. Freire chama atenção para a relevância do educador não se omitir em seu tempo. É necessário que sejamos sujeitos de opções. Para Freire não existe neutralidade da educação diante de um contexto histórico determinado. Assim, Freire (apud BEISIEGEL, 2010, p. 103) argumenta que de fato a neutralidade não se apresenta como tal,

[...] mas como um modo sutil ou ingênuo de engajamento, escondendo sob uma posição aparentemente não comprometida o exercício real de uma opção ideológica e política em favor das classes dominantes e contra as classes dominadas. A não-opção diante de posições irreconciliáveis implicaria o abandono dos mais fracos e o apoio de fato aos mais fortes.”

A opção política de educadores críticos e de sujeitos históricos nos instiga a assumir a responsabilidade com a nossa existência, tão necessária, conforme a epígrafe do início destes escritos, para merecermos existir nessa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Sebastião Cláudio. *Interdisciplinaridade na escola: conceituação e exercício a partir de oficinas*. Goiânia: Editora UFG, 2006.

BEISIEGEL, Celso de Rui. *Paulo Freire*. Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES-CUT. *Educação Integral*. Gestão 2004-2007.

GOIÂNIA. Secretaria Municipal de Educação. *Proposta Pedagógica para o Ensino Fundamental de Adolescentes, Jovens e Adultos do Período Noturno da Rede Municipal de Goiânia*. Goiânia, 2010-1013.

RAMOS, Marise. Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado. In: FRIGOTTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (orgs.). *Ensino médio: concepção e contradições*. São Paulo: Cortez, 2005. (p. 106-127).